

## Capítulo VII - A ESCOLHA FATÍDICA

O último dia do ano sempre foi motivo de atenção especial por parte das autoridades da Cidade do Rio de Janeiro. Muitos moradores viajavam para outras localidades no próprio Estado, mas o fluxo de turistas, principalmente nos bairros da Zona Sul, era intenso e crescia a cada ano. A queima de fogos na Praia de Copacabana era um espetáculo especial e também atraía pessoas que moravam em outros bairros da Cidade, principalmente na Zona Norte.

Além dos belíssimos fogos, havia uma mobilização de cunho espiritual que abrangia diversas religiões, mas que tinha um principal foco comum: as preces fervorosas para que o novo ano trouxesse felicidade, saúde e a solução dos problemas mais graves que cada um vivenciava.

Mesmo com as campanhas intensas para o uso do transporte público naquela noite, muitas pessoas preferiam usar os seus carros particulares no deslocamento para a Zona Sul, pensando na elevada ocupação dos ônibus quando terminava a queima dos fogos e a grande parte do público decidia retornar às suas casas. Por esses motivos, as principais ruas de Copacabana e arredores eram bloqueadas aos veículos particulares de forma escalonada ao longo do dia 31 de dezembro.

Eu não estabeleci um horário rígido para sairmos de casa usando o meu carro, mas tinha consciência que após as 22 horas, o tráfego em Botafogo, de onde partiria o passeio, sofreria as consequências do engarrafamento que todo o ano se formava a partir do túnel que ligava Botafogo a Copacabana.

Como sempre acontece nessas datas festivas, o cabelereiro estava lotado e quando Ana finalmente entrou no carro para voltarmos para casa, já acumulávamos um atraso que não podia ser ampliado, enquanto trocássemos de roupa.

Ana já havia deixado a sua roupa separada: usaria um vestido azul claro, com sapatos brancos de salto alto. Escolheu uma maquiagem bem leve, com um batom vermelho em perfeito alinhamento com os seus lábios. O resultado era um sorriso jovial e cativante.

## Capítulo VII - A ESCOLHA FATÍDICA

Eu escolhi uma calça de linho bege e uma camisa ainda sem uso, também de linho e de manga curta, na cor marrom claro. Em um primeiro momento pensei em colocar as minhas lentes de contato, mas como o tempo de uso seria muito longo, eu poderia sentir algum incômodo. Caso essa previsão se tornasse realidade, eu teria que retirá-las no banheiro do barco ou durante a festa depois do passeio. Imaginei que seria uma operação complicada e nessa situação, sem as lentes, eu deveria ter os óculos comigo para dirigir. Diante da possibilidade de transtornos com as lentes durante a madrugada, deixei-as em casa, optando pelo uso dos óculos.

Saímos de casa um pouco mais tarde do que seria recomendável e nos deparamos com um trânsito mais lento em Botafogo. A localização do restaurante Sol e Mar, no prolongamento da Avenida Pasteur antes de direcionar os veículos à Praia de Botafogo, não favorecia, pois só havia uma opção de acesso.

Eu não tinha instruções precisas sobre a forma de embarcar no Bateau Mouche porque havia comprado os ingressos minutos antes do encerramento das vendas, no final da tarde de sexta-feira. Por este motivo, pretendia chegar mais cedo, evitando ser surpreendido com eventuais procedimentos e regras de navegação.

Ao chegar ao Sol e Mar deixei Ana na calçada em frente porta principal do restaurante e comecei a procurar uma vaga para estacionar o carro. Esperava encontrar dificuldades, pois naquele trecho da Avenida Pasteur só é permitido estacionar do lado esquerdo. No entanto, aparentemente, as pessoas que iriam participar do passeio preferiram deixar seus carros em casa, porque encontrei uma vaga a menos de 100 metros do restaurante.

De novo ao lado de Ana, entramos pela porta do restaurante que dava acesso ao píer. Duas recepcionistas simpáticas ofereciam aos passageiros colares havaianos, de qualidade discutível, e mostravam o caminho para chegar ao barco, alertando que era necessário confirmar os nomes com uma terceira recepcionista que ocupava uma mesa colocada no píer.

Feita a confirmação dos nomes na lista de participantes do passeio, fomos convidados a embarcar.

## Capítulo VII - A ESCOLHA FATÍDICA

Logo após os primeiros passos no píer, tive a primeira grande surpresa do passeio: na realidade eram 2 barcos disponíveis para embarcar naquela noite: o Bateau Mouche IV, que estava ancorado na frente e o Bateau Mouche III, imediatamente atrás.

Como não recebemos orientação expressa das recepcionistas a respeito de uma definição prévia sobre em qual barco teríamos lugares reservados, ficou subentendido que cabia aos passageiros decidir em qual deles deveriam embarcar.

Enquanto nos aproximávamos das embarcações, uma visão geral indicava que ambas já contavam com muitas pessoas a bordo. Pela primeira vez, tive a certeza de que saímos de casa mais tarde do que o recomendável para escolhermos com calma bons lugares para o passeio. Da forma como os barcos já estavam cheios, a decisão sobre em qual deles encontraríamos a melhor mesa certamente seria muito mais subjetiva, dadas as circunstâncias.

Quando chegamos ao Bateau Mouche IV não havia fila em frente à rampa de acesso. No entanto, como uma boa parte dos 2 decks do barco era aberta, a impressão que se tinha era de que os melhores lugares já deviam estar tomados e que dificilmente encontraríamos uma mesa de 2 lugares para nós.

Comentei com Ana que seria melhor andarmos mais um pouco para averiguar como estava o nível de lotação do Bateau Mouche III, ancorado poucos metros atrás do IV. Por esse fato, e sendo otimista, considerava plenamente possível que o Bateau Mouche III estivesse mais vazio. Ressaltei que deveríamos ser rápidos no deslocamento, pois caso a nossa indecisão se prolongasse por um tempo maior, perderíamos os poucos lugares juntos por ventura ainda existentes, pois alguns retardatários permaneciam checando seus nomes na lista com a recepcionista, no início do píer.

Ao chegarmos na entrada do Bateau Mouche III, constatamos que uma pequena fila se formava dentro do barco, no primeiro deck. Certamente, aquelas pessoas aguardavam que o maitre as encaminhasse para as mesas ainda disponíveis, principalmente no deck superior. Não era difícil concluir que aquela operação para acomodar meia dúzia de pessoas poderia levar preciosos minutos, inviabilizando o nosso acesso a uma boa mesa.

## Capítulo VII - A ESCOLHA FATÍDICA

Criava-se ali, então, naquele momento, um dilema, aparentemente simples, mas que se mostraria crucial para o nosso destino naquela noite: a escolha do barco para curtirmos o passeio.

Poderíamos permanecer ali no Bateau Mouche III aguardando a nossa vez para o maitre informar qual a melhor maneira de nos acomodar ou retornar ao Bateau Mouche IV, que aparentava estar mais cheio, mas não apresentava retenção de pessoas na entrada, permitindo o acesso imediato aos decks em busca de bons lugares.

Para tornar a decisão mais complexa, os dois barcos pareciam “gêmeos”, construídos a partir do mesmo projeto. E também não havia, analisando-se do lado de fora, nenhuma diferença significativa em termos da beleza da decoração, tipo de iluminação e outros aspectos que são observados quando se vai a uma festa requintada.

Sendo assim, em qual deles embarcar ?

